

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

MARIA CECILIA MORAIS MARTINS DE OLIVEIRA

**DA ERVA DO DIABO A CANNABIS: TRANSFORMAÇÃO DA
PERCEPÇÃO MUDIÁTICA DO JORNAL O GLOBO**

VOLTA REDONDA

2024

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**DA ERVA DO DIABO A CANNABIS: TRANSFORMAÇÃO DA
PERCEPÇÃO MIDIÁTICA DO JORNAL O GLOBO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Publicidade e
Propaganda do UniFOA como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel
em Publicidade.

Aluno: Maria Cecília Morais Martins de
Oliveira

Prof.: Ms. Leonardo Simões Canavez

VOLTA REDONDA

2024

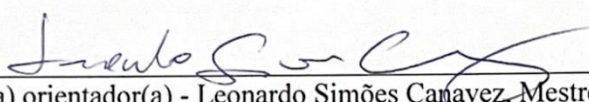
FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado DA ERVA DO DIABO A CANNABIS: TRANS-
FORMAÇÃO DA PERCEPÇÃO MIDIÁTICA DO JORNAL O GLOBO

elaborado por Maria Cecília Morais Martins de Oliveira, apresentado publicamente perante a
Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Publicidade e Propa-
ganda.

Aprovado em 27 de nov de 2024.

Banca Avaliadora:


Professor(a) orientador(a) - Leonardo Simões Canavez, Mestre, UniFOA


Professor(a) avaliador(a) - Rogério Martins de Souza, Doutor, UniFOA


Professor(a) avaliador(a) - Salete Leone Ferreira, UniFOA

Dedico este trabalho aos meus pais, que fizeram de mim uma astronauta para chegar até meus sonhos. E ao meu irmão, que me mostrou que posso chegar ao infinito...e além.

Agradeço a todos que me apoiaram intensamente em todos esses anos de esforço e que vão continuar me apoiando para o resto da vida.

Aos meus pais, Elaine e Luciano, que me proporcionaram acolhimento e amor incondicional em toda essa jornada, mesmo tendo que parar as séries para eu poder falar.

A meu irmão, Ricardo, que sempre soube o que dizer para me confortar e por toda a paciência com meu mau humor.

À minha amiga, Milena, por percorrer todo esse caminho comigo assim como prometemos desde da infância.

Aos meus amigos(as) que fiz durante o caminho, e me proporcionaram momentos inesquecíveis, aprendi muito com cada um.

Ao meu orientador, Leonardo Canavez, pela paciência e por acreditar no meu potencial.

RESUMO

Esta pesquisa demonstra a evolução da representação da cannabis na sociedade brasileira e a influência dos meios de comunicação nesse processo. Realizando uma análise detalhada do jornal O Globo, investigando como suas estratégias editoriais refletem e moldam a percepção pública sobre a cannabis. Baseado nas teorias de Agenda Setting e Espiral do Silêncio, o estudo avalia como o veículo constrói narrativas que influenciam a opinião pública e dialoga com o debate em torno das políticas públicas e da aceitação social da substância. A presente monografia objetiva analisar a trajetória da cannabis no Brasil, desde sua conotação negativa como "erva do diabo" até sua crescente aceitação como substância medicinal, e os seguintes objetivos específicos: investigar como a opinião pública é moldada pela comunicação; avaliar a eficácia das estratégias de Agenda Setting e Espiral do Silêncio no contexto da cannabis; e entender as implicações sociais dessas transformações. Trata-se de um estudo por meio de uma pesquisa exploratória e descritiva com caráter qualitativo, utilizando materiais científicos, livros e trabalhos acadêmicos, levantando conceitos que servirão de base para a pesquisa bibliográfica. A problemática se dá em torno da influência que os meios de comunicação exercem sobre a percepção pública da cannabis e como essa percepção pode impactar a regulamentação e aceitação do canabidiol medicinal. Os resultados dessa pesquisa mostram que as narrativas criadas pelos meios de comunicação têm um papel crucial na formação da opinião pública, levando a uma maior aceitação da cannabis como um recurso terapêutico. Conclui-se que a análise das teorias de opinião pública, Agenda Setting e Espiral do Silêncio é fundamental para compreender como a cannabis tem sido percebida e o impacto dessas percepções nas políticas públicas e na aceitação social.

Palavras-chaves: Cannabis, Comunicação, Opinião Pública, Agenda Setting, Espiral do Silêncio.

ABSTRACT

This research demonstrates the evolution of cannabis representation in Brazilian society and the influence of the media in this process. It provides a detailed analysis of the newspaper *O Globo*, investigating how its editorial strategies reflect and shape public perception of cannabis. Based on the Agenda Setting and Spiral of Silence theories, the study evaluates how the media constructs narratives that influence public opinion and engage with the debate surrounding public policies and social acceptance of the substance. This thesis aims to analyze the trajectory of cannabis in Brazil, from its negative connotation as the "devil's herb" to its growing acceptance as a medicinal substance, with specific objectives: investigating how public opinion is shaped by communication; evaluating the effectiveness of Agenda Setting and Spiral of Silence strategies in the cannabis context; and understanding the social implications of these transformations. The study follows an exploratory and descriptive qualitative approach, utilizing scientific materials, books, and academic works to lay the foundation for the bibliographical research. The central issue revolves around the influence of the media on public perception of cannabis and how this perception can impact the regulation and acceptance of medicinal cannabidiol. The results show that media narratives play a crucial role in shaping public opinion, leading to greater acceptance of cannabis as a therapeutic resource. It concludes that analyzing public opinion theories, Agenda Setting, and Spiral of Silence is essential to understand how cannabis has been perceived and the impact of these perceptions on public policies and social acceptance.

Keywords: Cannabis, Communication, Public Opinion, Agenda Setting, Spiral of Silence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	13
2.1 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE CANNABIDIOL	13
3 TEORIAS DE COMUNICAÇÃO E A INFLUÊNCIA MUDIÁTICA NO DEBATE SOBRE O CANABIDIOL MEDICINAL	15
3.1 OPINIÃO PÚBLICA	17
3.2 AGENDA SETTING	19
3.3 ESPIRAL DO SILÊNCIO	21
3.4 COMUNICAÇÃO VIRTUAL X COMUNICAÇÃO PRESENCIAL	22
4 LINHA DO TEMPO DA MACONHA NA MÍDIA	23
4.1 O GLOBO	25
4.2 A MARCHA DA MACONHA	28
4.3 DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES	30
4.4 INFLUÊNCIA DO JORNAL GLOBO	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: FLUXO DE COMUNICAÇÃO.....	01
FIGURA 2: JORNAL O GLOBO EM 23 DE AGOSTO DE 1930.	23
FIGURA 3: JORNAL O GLOBO EM 10 DE NOVEMBRO DE 1996.	24
FIGURA 4: JORNAL O GLOBO EM 6 DE DEZEMBRO DE 1948	26
FIGURA 5: JORNAL O GLOBO EM 12 DE JUNHO DE 2011	27
FIGURA 6: JORNAL O GLOBO EM 2 DE MAIO DE 2010	29
FIGURA 7: GRÁFICO QUANTITATIVO DE PESSOAS QUE CONCORDAM QUE AS REDES SOCIAIS INFLUENCIAM NA OPINIÃO.....	32
FIGURA 8: VENDAS JORNAL O GLOBO	34
FIGURA 9: JORNAL O GLOBO EM 4 DE FEVEREIRO DE 2023	36
FIGURA 10: JORNAL O GLOBO EM 14 DE AGOSTO DE 2021	37

1 INTRODUÇÃO

A mídia sempre ocupou um papel fundamental na construção das percepções e valores que moldam a sociedade, servindo tanto como veículo de informação quanto como ferramenta de influência. Desde os primórdios dos grandes veículos de comunicação até a atual era digital, os meios midiáticos têm sido responsáveis por definir o que é relevante e por estabelecer narrativas que podem tanto esclarecer quanto distorcer a compreensão pública sobre os mais diversos temas. Na sociedade contemporânea, a mídia tem sido percebida como um elemento com potencial para moldar o imaginário social e influenciar a percepção coletiva.

O canabidiol (CBD) medicinal tem ganhado destaque como uma alternativa promissora para o tratamento de diversas condições de saúde, como epilepsia, esclerose múltipla, dores crônicas e transtornos de ansiedade. Diferente do tetraidrocanabinol (THC), o composto químico da cannabis responsável pelos efeitos psicoativos, o CBD não provoca alterações de consciência, o que tem impulsionado sua aceitação e interesse na comunidade médica e científica. Pesquisas recentes destacam as propriedades terapêuticas do canabidiol, ampliando as discussões sobre sua regulamentação e uso seguro no contexto médico. Contudo, apesar dos avanços científicos, ainda há uma intensa polarização social e jurídica em torno da substância, influenciada, em grande parte, pelas representações midiáticas.

O tratamento midiático do canabidiol medicinal é um elemento crucial na construção da opinião pública sobre seu uso e regulamentação. Veículos de comunicação de grande influência, como jornal *O Globo*, desempenham um papel significativo ao moldar narrativas que podem, por um lado, apoiar o uso medicinal com relatos positivos e evidências científicas ou, por outro, reforçar estigmas históricos associados à cannabis. Essa ambivalência no discurso midiático impacta diretamente as percepções da sociedade, gerando um ambiente de debate que alterna entre a aceitação e o receio, influenciado pelas mensagens que a mídia escolhe destacar ou minimizar.

Em particular, o jornal *O Globo*, um dos mais tradicionais e influentes do Brasil, representa um importante ponto de análise dentro desse contexto. Fundado em 1925, *O Globo* tornou-se uma das vozes mais marcantes do país, com sua cobertura de temas sociais, econômicos e culturais, frequentemente repercutindo de forma decisiva

nos rumos da opinião pública nacional. Como parte do grupo Globo, a linha editorial do jornal reflete uma visão que muitas vezes permeia as demais plataformas de comunicação do grupo, amplificando seu impacto e alcance. Ao longo dos anos, O *Globo* construiu um legado que vai além da simples difusão de notícias; ele participa ativamente da construção da realidade social, ao selecionar, interpretar e divulgar temas com o poder de moldar mentalidades e reforçar ou questionar valores em sociedade.

Essa influência torna-se especialmente evidente em temas sensíveis e complexos, como o debate sobre a regulamentação da cannabis medicinal. A maneira como o assunto foi abordado, os termos e imagens escolhidos, e até a frequência com que ele foi discutido na mídia, têm o potencial de impactar profundamente a percepção pública. No caso de O Globo, a cobertura sobre a cannabis e seu uso medicinal exemplifica como a mídia pode influenciar o processo de aceitação social e a formação de políticas regulatórias, ao construir uma narrativa que ora enfatiza aspectos medicinais e científicos, ora suscita medos e preconceitos arraigados no imaginário coletivo. A importância de estudar esse caso específico se intensifica quando se observa a relevância da teoria da *agenda setting*, que aponta para o poder da mídia em determinar quais temas serão debatidos, e da *espiral do silêncio*, que explora como opiniões minoritárias tendem a ser suprimidas quando em dissonância com as narrativas dominantes.

No primeiro capítulo, o trabalho aborda o desenvolvimento histórico da imagem da cannabis na mídia brasileira. A análise começa com os primeiros registros de representações estigmatizantes, que associavam a substância a riscos sociais e morais, intensificados por campanhas de criminalização durante o século XX. Este contexto histórico é fundamental para entender como o jornal O *Globo* e outros veículos tradicionais consolidaram uma percepção negativa da cannabis ao longo dos anos. O capítulo explora como, em períodos específicos, a narrativa sobre a cannabis foi reforçada na mídia, criando uma opinião pública desfavorável e alimentando preconceitos que persistem até hoje.

O segundo capítulo é dedicado à fundamentação teórica, que embasa a análise do papel da mídia na formação da percepção pública. A teoria da *agenda setting* é discutida para entender como a mídia escolhe e prioriza determinados temas, direcionando a atenção do público e moldando suas opiniões. A teoria da *espiral do silêncio*, proposta por Elisabeth Noelle-Neumann, analisa o processo pelo qual as

opiniões minoritárias são suprimidas pelo medo de isolamento social, especialmente quando em dissonância com as narrativas dominantes. Por fim, o conceito de *opinião pública* é explorado para contextualizar como essas forças midiáticas convergem na formação do consenso social. Esse referencial teórico é essencial para compreender como *O Globo* e outros veículos influenciam diretamente as atitudes e crenças sobre a cannabis no Brasil.

No terceiro capítulo, a análise é conduzida por meio de um estudo das matérias publicadas pelo jornal *O Globo* sobre a cannabis medicinal, buscando identificar como os princípios das teorias de Agenda Setting, Espiral do Silêncio e Opinião Pública se manifestam na prática. Inicialmente, avalia-se a frequência e o destaque dado a determinados aspectos do tema, identificando como o jornal prioriza certos ângulos da discussão enquanto negligência outros, moldando, assim, a atenção e o entendimento do público. Em seguida, investiga-se quais narrativas são amplificadas ou suprimidas, alinhando-se à lógica da espiral do silêncio, que sugere que opiniões minoritárias ou impopulares tendem a ser marginalizadas, influenciando o discurso coletivo. Por fim, considera-se o impacto dessas escolhas editoriais na formação da opinião pública, analisando como a abordagem do veículo de comunicação pode reforçar preconceitos, promover aceitação ou perpetuar estigmas sociais em torno da cannabis medicinal.

Esta pesquisa busca compreender os mecanismos do jornal *O Globo*, em conjunto com outras mídias, influencia a formação da opinião pública sobre a cannabis medicinal e impacta o debate em torno de sua regulamentação no Brasil. Ao investigar as abordagens narrativas e as estratégias editoriais utilizadas, o estudo visa proporcionar uma compreensão crítica do poder da mídia em moldar a realidade social e estabelecer os limites do que é considerado aceitável ou controverso, com base em um entendimento aprofundado das teorias de comunicação aplicadas.

A partir da pergunta central — De que forma os meios de comunicação influenciam a construção da opinião pública e das políticas sobre a cannabis, especialmente no contexto do uso medicinal do canabidiol, ao longo das décadas no Brasil? — serão analisadas as mudanças nas narrativas mediáticas e suas implicações na sociedade e na regulamentação

A hipótese é que os meios de comunicação desempenham um papel central na construção de percepções públicas sobre a cannabis ao longo do tempo, influenciando diretamente a opinião pública e as políticas de regulamentação.

Acredita-se que, ao destacar evidências científicas e adotar uma abordagem transparente e inclusiva, a mídia pode reverter narrativas negativas históricas, promovendo uma compreensão mais favorável dos benefícios terapêuticos da substância. Assim, a hipótese é que a comunicação, estrategicamente planejada e alinhada aos interesses sociais, pode ser um catalisador na transformação das percepções e no avanço de políticas públicas mais equilibradas em relação ao uso medicinal da cannabis.

Para a construção deste trabalho, adotou-se uma metodologia baseada na revisão bibliográfica, que consiste na análise e interpretação de obras acadêmicas, artigos científicos, livros, e outras fontes relevantes. Essa abordagem permitiu a compreensão e contextualização da trajetória da cannabis no Brasil, assim como a aplicação das teorias da comunicação, como a Agenda Setting e a Espiral do Silêncio, a análise proposta. Por meio dessa revisão, buscou-se embasar teoricamente a investigação, estabelecendo uma base sólida para a análise crítica da influência dos meios de comunicação, especialmente no jornal *O Globo*.

O presente estudo tem como objetivo geral compreender a influência das estratégias de comunicação midiática na construção e modificação da percepção pública sobre a cannabis, utilizando as teorias da Agenda Setting e da Espiral do Silêncio. Os objetivos específicos incluem analisar como a cobertura da mídia molda a opinião pública ao longo do tempo, investigar a aplicação da Espiral do Silêncio na manutenção de estigmas sociais, avaliar o papel da mídia na formação de discursos públicos sobre a regulamentação do uso medicinal da cannabis, e identificar os fatores que perpetuam narrativas estigmatizantes. Dessa forma, a pesquisa busca explorar criticamente a interação entre comunicação e opinião pública, com foco especial no impacto de veículos influentes, como o jornal *O Globo*.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O canabidiol (CBD) emergiu como uma alternativa terapêutica de grande relevância no campo da medicina, especialmente em contextos em que tratamentos convencionais não apresentaram resultados satisfatórios. Extraído da planta *Cannabis sativa*, o CBD distingue-se por suas propriedades medicinais, sem os efeitos psicoativos comumente associados ao tetrahydrocannabinol (THC).¹

2.1 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE CANNABIDIOL

A partir de 2015, o Brasil vivenciou uma série de marcos significativos na regulamentação e aceitação do uso medicinal do canabidiol (CBD). Em janeiro de 2015, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) deu um passo crucial ao retirar o CBD da lista de substâncias proibidas, permitindo sua prescrição e importação para uso medicinal. Essa mudança facilitou o acesso ao CBD para pacientes com condições graves, como epilepsia refratária, marcando o início de uma nova era para o tratamento dessas doenças.

Em janeiro de 2014, a ANVISA aprovou o registro do Mevatyl (Sativex), o primeiro medicamento à base de cannabis contendo CBD e THC, indicado para o tratamento de espasticidade em pacientes com esclerose múltipla. Esta aprovação foi um marco importante, pois representou a introdução oficial de medicamentos derivados de cannabis no mercado brasileiro.

A ANVISA regulamentou a importação pessoal de produtos à base de cannabis para fins medicinais, simplificando o processo para pacientes e médicos apenas em dezembro de 2019. Com essa nova resolução, pacientes com prescrição médica passaram a importar produtos de CBD de forma mais acessível e rápida, o que ampliou significativamente o acesso ao tratamento.

Em março de 2020, a ANVISA publicou uma resolução que autorizou a fabricação e comercialização de produtos à base de cannabis no Brasil, desde que seguissem normas específicas de qualidade e segurança. Essa medida abriu caminho

¹ <https://www.saude.ms.gov.br/substancias-da-maconha/>

para a produção nacional de medicamentos de CBD, reduzindo a dependência de importações e potencialmente baixando os custos para os pacientes.

Entre 2021 e 2022, o uso do CBD para uma variedade de condições médicas, como dor crônica e ansiedade, foi amplamente discutido e aceito. A mídia continuou a relatar casos de sucesso, e a pressão por uma regulamentação mais abrangente cresceu. Surgiram mais produtos à base de CBD no mercado brasileiro, aumentando a disponibilidade e acessibilidade para os pacientes.

As discussões sobre a regulamentação do cultivo de cannabis para fins medicinais e industriais ganharam destaque em 2023. Projetos de lei visando permitir o cultivo de cannabis no Brasil avançaram no Congresso, refletindo uma mudança significativa na política de drogas do país e potencialmente facilitando ainda mais o acesso ao CBD.

3 TEORIAS DE COMUNICAÇÃO E A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NO DEBATE SOBRE O CANABIDIOL MEDICINAL

O debate sobre o uso medicinal do canabidiol (CBD), um dos principais compostos químicos da planta *Cannabis sativa*, tem ganhado crescente relevância tanto no Brasil quanto no mundo. Inicialmente visto com grande desconfiança, o canabidiol foi associado por muito tempo à maconha recreativa, sendo envolto em preconceitos e estigmas². No entanto, nas últimas duas décadas, diversos estudos científicos passaram a comprovar seu potencial terapêutico no tratamento de uma série de condições médicas, como epilepsia, esclerose múltipla, ansiedade e dores crônicas³.

No Brasil, o debate sobre o canabidiol começou a ganhar força a partir de 2014, quando familiares de crianças com epilepsia refratária iniciaram uma luta pela legalização do uso terapêutico da substância⁴. Esse movimento culminou em 2015 com a autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para a importação de medicamentos à base de CBD para uso terapêutico específico⁵.

O papel da mídia nesse processo é crucial, uma vez que ela funciona como o principal meio de difusão de informações sobre o tema. A teoria da Agenda Setting aponta que a mídia não só reflete, mas também molda a realidade ao escolher quais temas serão abordados e como serão apresentados

os veículos noticiosos, nossas janelas ao vasto mundo, além de nossa experiência direta, determinam nossos mapas cognitivos daquele mundo. (...) A opinião pública responde não ao ambiente, mas ao pseudoambiente construído pelos veículos noticiosos.” (LIPPMANN, 1922, apud McCOMBS, 2009, p. 19).

No caso do canabidiol, a mídia desempenhou um papel fundamental ao destacar casos de pacientes que se beneficiaram do uso da substância⁶.

² Disponível em: <https://Veja.Abril.Com.Br/Ciencia/O-Preconceito-Contra-A-Cannabis-Vem-da-Falta-de-Conhecimento> (2022)

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/12/05/maconha-medicinal-e-usada-no-tratamento-de-epilepsia-e-dor-cronica-estudos-sobre-efeitos-ainda-avancam.ghtml> (2019)

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2021/12/14/uso-de-cannabis-medicinal-diminui-em-86percent-as-crianças-de-epilepsia-em-crianças-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 14 set. 2024.

⁵ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/autorizacao-da-anvisa-para-importacao-de-canabidiol-no-brasil/2269698952>

⁶ Disponível em: <https://www.voltaredonda.rj.gov.br/noticias/29-sms/8399-pacientes-com-fibromialgia-e-parkinson-relatam-melhora-com-tratamento-%C3%A0-base-de-canabidiol-em-volta-redonda/>. Acesso em: 16 set. 2024.

Para Antônio Gramsci (2007), a hegemonia é o conceito central de sua teoria política, representando o domínio de uma classe social sobre a sociedade, não apenas por meio da força ou coerção, mas, principalmente, através do consentimento.

Gramsci (2007), argumenta que a hegemonia ocorre quando a classe dominante consegue convencer as demais classes de que seus interesses são universais, e não apenas os de uma minoria privilegiada. Isso é feito por meio das instituições culturais, como a mídia, o sistema educacional, a religião e outras formas de produção e disseminação de ideologia.

Dessa forma, a hegemonia é um processo contínuo de construção e manutenção de consenso, o que diferencia de uma dominação meramente baseada na força.

Em suma, a hegemonia de Gramsci dentro da mídia e na aceitação do uso de canabidiol medicinal se manifesta na construção de consenso em torno do tema, desafiando a antiga visão estigmatizada da cannabis e promovendo uma nova narrativa baseada em evidências científicas e histórias humanizadas, levando a uma mudança cultural.

Paralelamente, a Teoria da Espiral do Silêncio pode ser aplicada para entender a resistência inicial de grande parte da população e dos legisladores ao uso medicinal da cannabis, de acordo com Neumann (1995) aqueles que tinham maior autoestima e confiança em si mesmos tendem a guiar opiniões daqueles com baixa autoestima e confiança em si. Muitas pessoas, mesmo que fossem favoráveis à ideia, hesitavam em expressar publicamente seu apoio, por medo de isolamento social, a mídia influencia a percepção individual do que pode ser dito ou feito sem perigo de isolamento (Neumann, 1995).

Em campanhas bem planejadas, essas teorias oferecem um suporte crucial para entender como a percepção pública pode ser influenciada de forma progressiva. A mídia pode não apenas informar sobre o canabidiol, mas também educar e transformar a opinião pública, criando um ambiente favorável para que legisladores avancem em termos de regulamentação⁷. Essas campanhas podem contar com a estratégia de destacar os benefícios científicos do canabidiol e os relatos emocionais de pacientes como por exemplo no Globo Repórter do dia 03/05/2024 que mostrou a

⁷ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/cannabis-medicinal-realidade-a-espera-de-regulamentacao>. Acesso em: 12 set. 2024.

história de familiares e pacientes que relatam melhoras com o uso do medicamento⁸, ao mesmo tempo que criam uma percepção de aceitação crescente, o que ajuda a diminuir o estigma e encorajar mais pessoas a expressarem seu apoio.

Esse contexto evidencia que, além de informar o público, as estratégias de comunicação desempenham um papel fundamental na criação de um clima social favorável para a aceitação e regulamentação do uso medicinal do canabidiol.

3.1 OPINIÃO PÚBLICA

De acordo com Olicshevis (2006) A opinião pública não é a soma das opiniões individuais nem uma fusão delas. Não se forma um consenso único. Existem diferentes grupos, cada um com opiniões e informações distintas sobre o mesmo assunto. Esses grupos não chegam a um acordo, mas tentam divulgar suas ideias pela mídia. Nem todos têm a mesma visibilidade, mas aqueles que conseguem expor suas opiniões publicamente se destacam. Assim, a opinião pública reflete a visão de um grupo dominante, sendo mais uma ferramenta para ocultar interesses privados do que para revelá-los.

Ganham importância os “formadores de opinião horizontais” que por terem traços de personalidade de liderança e um nível de informação acima da média para o meio em que vivem, têm oportunidade de dizer o que pensam e, mais do que isso, são procuradas para orientar pessoas de suas relações. (Olsen, 1997, apud Figueiredo, 2000, p. 31)

O discurso que foi pautado em 1930 no Jornal O Globo e que perpetuou por muitos anos acerca de uma ótica negativa sobre a cannabis, Traquina (2005) diz que, certos temas ou eventos podem ser usados para atender aos interesses de relações públicas ou às necessidades ideológicas de um grupo de poder e podem ser aproveitados para direcionar a opinião pública em favor de uma causa específica, seja em questões de política nacional ou internacional.

Lippmann (2007) diz que os símbolos têm grande força e são eficazes para influenciar a transformação da opinião pública. Além disso, ele afirma que as palavras, por si só, não geram impacto isoladamente; elas devem ser pronunciadas por indivíduos estrategicamente colocados e comunicadas na hora certa para surtirem o efeito desejado. Os símbolos para Lippmann:

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2024/05/04/quando-a-cannabis-entrou-nas-nossas-vidas-minha-filha-comecou-a-sorrir-as-historias-de-melhoras-com-o-uso-medicinal-da-planta.ghtml>

Devido ao seu poder de remover a emoção de ideias distintas, o símbolo é ao mesmo tempo um mecanismo de solidariedade e de exploração. [...], o símbolo é também um instrumento através do qual uns poucos podem modificar os muitos, impedir a crítica, e seduzir os homens a enfrentarem a agonia por objetos que eles não compreendem. (LIPPMANN, 2010, p.209)

Walter Lippmann (2010), ao conceituar a opinião pública, destaca como as percepções da sociedade são formadas não pela experiência direta, mas através de imagens e representações transmitidas pelos meios de comunicação. No contexto da cannabis medicinal, essa teoria se manifesta na maneira como o debate público é moldado por informações que circulam na mídia. Por muitos anos, a cobertura sobre a cannabis foi marcada por estigmatizações e alarmismos, influenciando a construção de uma imagem predominantemente negativa. Entretanto, à medida que surgem estudos e reportagens que abordam seus benefícios terapêuticos, especialmente para tratamentos de condições como epilepsia e dor crônica, a opinião pública começa a se transformar, demonstrando o impacto direto da comunicação na reformulação de estereótipos e na construção de uma narrativa mais favorável ao uso medicinal da planta.

De acordo com Vestena (2008),

Opinião Pública é a expressão de opiniões do público a respeito de temas de interesse comum, que se diferencia da Opinião Publicada, que é a apresentação pública da opinião. Essa distinção foi feita pela primeira vez por Allport (1937) no texto *Toward a Science of Public Opinion*, onde afirma que tratar Opinião Pública e Publicada como sendo a mesma coisa é uma falácia.

Allport(1937) no texto acima, destaca a diferença crucial entre Opinião Pública e Opinião Publicada. Enquanto a primeira reflete as opiniões genuínas do público sobre temas de interesse comum, a segunda é a forma como essas opiniões são divulgadas pelos meios de comunicação. Essa distinção é fundamental para entender como a mídia pode moldar e até distorcer a percepção coletiva, influenciando a formação da opinião pública. Ao analisarmos esse fenômeno, percebemos como a mídia pode silenciar ou amplificar determinadas vozes, afetando o debate social. Isso também nos permite compreender melhor o impacto das teorias de Agenda Setting e Espiral do Silêncio nas decisões sociais e políticas, evidenciando o poder da comunicação na construção da realidade pública.

3.2 AGENDA SETTING

A teoria da Agenda Setting foi originalmente proposta por Maxwell McCombs e Donald Shaw no início dos anos 1970. O estudo pioneiro realizado por eles, conhecido como o "estudo de Chapel Hill", investigou a cobertura das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 1968 e sua influência na percepção pública sobre os temas mais importantes da campanha. McCombs e Shaw descobriram que havia uma forte correlação entre os assuntos que a mídia enfatizava e aqueles que o público considerava mais relevantes “A agenda está relacionada ao conjunto de temas ou problemas considerados importantes em um determinado momento, como resultado da ação política de atores como burocratas, movimentos sociais, partidos políticos, mídia, entre outros.” (CAPELLA, 2018)

A partir dessa pesquisa, surgiu o conceito de saliência ("saliency") na mídia, que se refere ao nível de destaque ou importância que a mídia atribui a determinados temas. A teoria sugere que, ao dar mais visibilidade a certos assuntos, a mídia influencia não o que as pessoas pensam diretamente, mas sobre o que elas pensam

Para a maioria do público de política externa, o mapa político realmente eficaz do mundo – ou seja, seu mapa operacional do mundo – é desenhado pelo repórter e pelo editor, não pelo cartógrafo. [...] A imprensa [...] pode não ser bem-sucedida na maioria das vezes em dizer às pessoas o que pensar, mas é incrivelmente bem-sucedida em dizer aos leitores o que pensar sobre (COHEN, 1963, p. 12-13).

Em outras palavras, a mídia tem a capacidade de definir a agenda pública, destacando quais tópicos são prioritários na percepção social

Até a década de 1970, a pergunta tradicional nas pesquisas sobre agenda-setting era “quem define a agenda pública?” Na década de 1980, a nova questão era “quem define a agenda midiática?” O padrão de cobertura de notícias que define a agenda da mídia resulta de trocas com fontes que fornecem informações para notícias, interações diárias entre as próprias organizações de notícias e normas e tradições do jornalismo. [...] Entre as fontes externas da agenda da mídia, destacam-se as autoridades públicas. A exploração do elo entre os funcionários públicos e a imprensa converge com outra área de pesquisa de agenda setting, a agenda de políticas públicas, o processo pelo qual os governos tomam decisões sobre quais questões sociais serão o foco da sua atenção e ação. (McCombs: Valenzuela, 2007, p.48).

Para Nery e Temer (2009), a teoria do *Agenda Setting* ressalta o papel da mídia na definição dos assuntos mais relevantes, destacando certos temas e deixando

outros de lado. Com isso, os meios de comunicação não buscam diretamente influenciar as opiniões, mas sim orientar o público sobre quais questões devem ser consideradas e debatidas. A maneira como as pessoas enxergam a sociedade é moldada pelas mensagens dos veículos de comunicação, que, ao invés de impor o que pensar, determinam sobre o que se deve refletir, exercendo assim um tipo de influência indireta. Há duas formas de abordagem que demonstram a variação entre o volume de informações, conhecimentos e interpretações da sociedade, adquiridos tanto pelos meios de comunicação quanto pelas vivências pessoais.

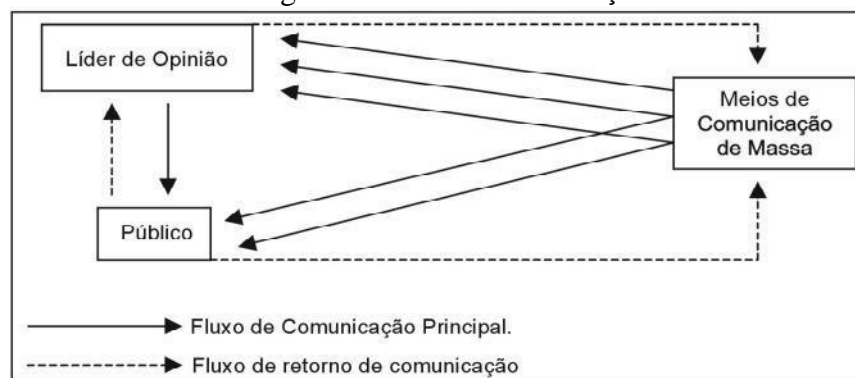
- a- a ordem do dia dos temas, assuntos de problemas presentes nos meios de comunicação de massa;
- b- a hierarquia de importância e de prioridade segundo a qual esses elementos estão dispostos na ordem do dia (NERY; TEMER, 2009, p.73).

McCombs (2009) quando a mídia seleciona os conteúdos a tendência é influenciar as percepções e apontar as notícias que estarão em evidência no dia.

Ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados os mais importantes pelo público. A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda do público de forma que ele se torna o foco da atenção do pensamento do público – e, possivelmente, ação – é o estágio inicial da formação da opinião pública (McCOMBS, 2009, p.18).

Existe um ciclo contínuo entre mídia e opinião pública. A mídia molda a agenda pública ao priorizar certos temas, e a reação do público influencia a continuação ou alteração da cobertura midiática. Se o público responde positivamente ou negativamente a um tema, a mídia pode ajustar a intensidade ou o ângulo da cobertura, mantendo-se alinhada com as expectativas ou demandas da sociedade.

Figura 1: Fluxo de Comunicação



*fonte: Modelo de fluxos de comunicação social (CORRÊA, 1993) adaptado de Dumazeider (1973).

A figura 1 ilustra o fluxo de comunicação, com os meios de comunicação em massa como canal central entre líderes de opinião e o público, revela a dinâmica interativa da formação da opinião pública. Os meios de comunicação não só transmitem informações, mas também moldam percepções, enquanto o público, por meio do fluxo de retorno, influência e responde ao conteúdo. Esse processo destaca a interação contínua entre mídia, líderes de opinião e público, refletindo as teorias de Agenda Setting.

A aceitação da cannabis medicinal está diretamente ligada à mudança na narrativa midiática. Com o tempo, as notícias passaram de abordagens centradas na controvérsia ou criminalidade para narrativas mais voltadas aos benefícios médicos, histórias de pacientes e apoio de especialistas. Essa transformação foi fundamental para reduzir o estigma e moldar a percepção pública de que a cannabis medicinal não está relacionada ao uso recreativo, mas a tratamentos sérios de saúde.

3.3 ESPIRAL DO SILÊNCIO

A Espiral do Silêncio é uma teoria da ciência política e comunicação de massa, proposta em 1977 pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann, que explora como as opiniões se formam e são expressas na sociedade. A ideia central é que indivíduos tendem a ocultar suas opiniões quando elas conflitam com a visão dominante, devido ao medo do isolamento, da crítica ou da zombaria. Nesse contexto, a opinião pública é moldada entre pensamentos majoritários e minoritários, sendo que os indivíduos cujas opiniões são minoritárias geralmente preferem se calar.

Observações feitas em determinados contextos estenderam-se a outros e estimularam as pessoas a proclamar suas opiniões ou a 'engoli-las' mantendo-se em silêncio até que, em um processo em espiral, determinado ponto de vista chegasse a dominar o cenário, ao passo que o outro desapareceria da consciência pública no emudecer de seus partidários. Esse é o processo que podemos qualificar de espiral do silêncio. (NEUMAN, 2017, p. 22-23)

A teoria apresenta três níveis de influência: individual, sistema midiático e social (Lin e Pfau, 2001). No nível individual a pessoa evita expor opiniões discordantes por temer perder popularidade ou desagradar seus pares. Assim, observa a opinião dominante e busca conformidade, a fim de se integrar socialmente.

Quando se posiciona com a maioria, ganha confiança; quando discorda, prefere o isolamento para evitar conflitos.

A teoria de Neumann propõe que, o receio de isolamento leva os indivíduos a analisar o ambiente ao redor para conseguir avaliar a distribuição de opiniões de ideias contra e a favor de suas próprias ideias. (Noelle-Neumann, 1974, p. 44).

A teoria descreve o processo pelo qual as pessoas tendem a silenciar suas opiniões quando percebem que estas estão em desacordo com a opinião dominante, temendo o isolamento social. No debate sobre a cannabis medicinal, essa teoria é evidente, especialmente em períodos em que o tema era cercado de tabus e preconceitos. Mesmo aqueles que reconheciam os benefícios terapêuticos da planta muitas vezes evitavam expressar suas opiniões publicamente, receosos de serem marginalizados ou criticados. No entanto, à medida que o tema ganha maior visibilidade na mídia e o discurso a favor de seu uso medicinal se fortalece, mais pessoas se sentem encorajadas a falar abertamente sobre o assunto. Esse fenômeno demonstra como a Espiral do Silêncio influencia a forma como percepções sociais se consolidam ou se transformam, especialmente quando uma narrativa dominante começa a ser desafiada

3.4 COMUNICAÇÃO VIRTUAL X COMUNICAÇÃO PRESENCIAL

Segundo McDevitt *et al.* (2003, apud Ortiz, 2019), há pesquisas que mostram que em discussões mediadas por computador (CMC), as opiniões de maioria e minoria tendem a ser mais moderadas do que em interações face a face (F2F), com preferência por um tom neutro. Surpreendentemente, pessoas com opiniões minoritárias expressam-se mais ativamente em CMC, possivelmente devido à menor intimidação percebida. Por outro lado, a maioria demonstra menor motivação em ambientes de baixa presença social, outro estudo realizado por Ho e McLeod (2008) também indica que a CMC reduz o impacto do medo de isolamento, aumentando a predisposição dos indivíduos a expressarem suas opiniões. O estudo envolveu cenários hipotéticos sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo e revelou que, em F2F, os participantes demonstraram menos inclinação para expressar suas opiniões, enquanto na CMC, mostraram-se mais dispostos a se posicionar.

4 LINHA DO TEMPO DA MACONHA NA MÍDIA

Ao longo dos anos a maconha é retratada de várias formas pela mídia brasileira: “Pango”, “Diamba” e “Fumo da Angola” em suas nomeações mais populares. O jornal O Globo, um dos mais tradicionais impressos brasileiro e de abrangência nacional para tomarmos como exemplo, em 1930 chegou a trazer em uma de suas manchetes o seguinte título: “Veneno Africano, está sendo vendida no Rio, uma planta diabólica, que leva ao sonho, à loucura e à morte”. Como se vê a planta é citada de maneiras difamatórias e agressivas, histórico que perduraria por mais décadas à frente como se irá ver.

Figura 2: Jornal O Globo em 23 de agosto de 1930.



Fonte: Acervo O Globo

A linguagem é usada como meio de convencimento ao leitor, retratando a planta de maneiras negativas.

Os recursos linguísticos têm o poder de influenciar e orientar as percepções e pensamentos, ou seja, o modo de estar no mundo e vive-lo, podendo permitir ou vetar determinados conhecimentos e experiências. (CARVALHO, 2007, p.19)

Neste período acontecia a intensificação da propaganda anti-maconha no mundo e principalmente nos Estados Unidos, com a influência de políticas como a "Marihuana Tax Act" de 1937 que proibia o cultivo, distribuição e comercialização da planta nos Estados Unidos, de acordo com Renato Cinco (2014) “Todo o aparato

repressivo montado para reprimir o comércio de bebidas foi transferido para o combate à maconha e outras drogas ilícitas.”.

Dentro do contexto político e social as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas pela transição da ditadura militar para a democracia, culminando na promulgação da nova Constituição em 1988. Esse período de abertura política trouxe maior liberdade de expressão e permitiu que temas antes censurados ou tratados de maneira unilateral pela mídia pudessem ser discutidos de forma mais aberta e diversa.⁹ Debates sobre a descriminalização da cannabis foram ganhando mais espaço, com alguns meios de comunicação abordando a questão de forma diferente, apesar da persistência de opiniões contrárias.. Podemos entender que:

Refletindo sobre a proibição do consumo de determinadas drogas ao redor do planeta, é possível constatar que ela não decorre necessariamente da restrição ou controle do efeito dessas substâncias específicas, mas da forma com que são utilizadas pelos indivíduos. (ORNELAS, 2014, p.61).

Neste contexto surgem as primeiras notícias sobre uso medicinal da maconha no mundo e o Brasil começa a discutir também prós e contras, podemos analisar isso na matéria do jornal O Globo publicada em 1996, com o título de manchete principal “Aprovado na Califórnia, uso medicinal da maconha causa polêmica no Brasil” e subtítulo “médicos e parlamentares discutem prós e contras da prescrição a doentes graves”.

Figura 3: Jornal O Globo em 10 de novembro de 1996.



¹⁰Fonte: Acervo O Globo

⁹ <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/3-de-agosto-fim-da-censura-no-brasil-e-a-resistencia-de-uma-luta-que-se-perpetua>

¹⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/resultado/>

A partir dos anos 2000, observa-se que, o uso medicinal do canabidiol (CBD) tem ganhado atenção crescente na mídia brasileira, refletindo mudanças na percepção pública sobre o tema.

De acordo com o jornal CNN, no dia 4 de abril de 2014¹¹ a justiça brasileira autorizou pela primeira vez a importação de um remédio a base da planta para o tratamento de uma menina que na época tinha 5 (cinco) anos e uma doença rara, o medicamento então a ajudaria a ter uma redução significativa nas crises convulsivas.

Até 2024, o debate sobre a regulamentação e ampliação do uso de CBD continua. A mídia e a sociedade civil seguem ativamente envolvidas, com novas pesquisas sendo publicadas e novas regulamentações sendo consideradas para facilitar o acesso e garantir a qualidade dos produtos de CBD.

4.1 O GLOBO

O estudo da cannabis e sua representação nos meios de comunicação ao longo das décadas revela uma mudança significativa na maneira como a sociedade a percebe. Em 1948, a imagem da planta era amplamente associada ao perigo e à criminalidade, impulsionada por campanhas de demonização e estigmatização social. No entanto, após mais de seis décadas, especialmente a partir de 2011, a cannabis começou a ser vista sob uma nova ótica, destacando seu potencial terapêutico e os benefícios médicos de compostos como o canabidiol (CBD). Esse salto temporal é emblemático da evolução no entendimento científico e das influências midiáticas que contribuem para a formação da opinião pública, refletindo, assim, uma transformação nas políticas públicas e na aceitação social da planta.

No contexto do CBD, inicialmente, a cobertura midiática muitas vezes era sensacionalista, focando nos aspectos controversos e nos potenciais riscos associados ao uso da cannabis, como podemos analisar:

¹¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/relembre-marcos-dos-10-anos-de-cannabis-medicinal-no-brasil/#:~:text=op%C3%A7%C3%A3o%20essa%20terap%C3%AAutica,-,No%20dia%204%20de%20abril%20de%202014%2C%20a%20justi%C3%A7a%20brasileira,com%20cinco%20anos%20de%20idade>.

Figura 4: Jornal O Globo em 6 de dezembro de 1948



12Fonte: Acervo o Globo

Com o título “Diamba, a erva da morte” observado na figura 4, podemos colocar em vista como a *cannabis* era demonizada não só pelo público mas também pela mídia.

Na década de 40 a mídia continua reforçando a narrativa negativa acerca da substância e é cada vez mais associada ao uso recreativo irresponsável e a criminalidade, as reportagens focam nos aspectos mais sensacionalistas do consumo, descrita no mesmo jornal em 1948 como “Maconha a mais perigosa, de todos os entorpecentes a que tem causado o maior número de vítimas é, incontestavelmente, a maconha” (Jornal O Globo, 1948).

No entanto, à medida que mais pesquisas científicas validavam os benefícios terapêuticos do CBD e surgiam relatos de casos positivos, a mídia começou a ajustar sua narrativa em meados do ano 2011.

12 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datenado/materias/pesquisas/mas-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>

Figura 5: Jornal O Globo em 12 de junho de 2011



¹³Fonte: Acervo o Globo

Campanhas de comunicação bem-sucedidas em prol do CBD frequentemente utilizam a mídia para disseminar informações precisas e educar o público sobre seus benefícios potenciais.

Um exemplo notável de campanha de comunicação bem-sucedida sobre o uso de canabidiol foi a iniciativa do SUS de Volta Redonda, em 2023. A campanha utilizou a mídia local para disseminar informações sobre o acesso ao tratamento com CBD, educando a comunidade sobre seus benefícios potenciais e promovendo a conscientização sobre a regulamentação do tratamento.¹⁴

Além disso, a mídia desempenha um papel fundamental na formação de políticas públicas. À medida que a cobertura midiática se torna mais equilibrada e baseada em evidências científicas, políticos e formuladores de políticas podem ser influenciados a revisar e modificar regulamentações relacionadas ao CBD e à cannabis medicinal.

Com o passar do tempo, as políticas públicas sobre o CBD começaram a refletir uma evolução nas percepções públicas e em fatores como o trabalho de grupos de defesa e os avanços na pesquisa científica. A regulamentação do uso do CBD foi

¹³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>

¹⁴ Disponível em: <https://www.voltaredonda.rj.gov.br/29-noticias/sms/7208-cannabis-medicinal-157-pacientes-s%C3%A3o-beneficiados-com-tratamento-gratuito-em-volta-redonda/>

se adaptando, permitindo seu uso em tratamentos médicos específicos, conforme a sociedade passou a reconhecer mais os benefícios terapêuticos da substância.

A evolução da percepção pública desempenhou um papel crucial nesse processo. À medida que a educação e a conscientização sobre o CBD aumentaram, as atitudes públicas passaram de desconfiança e estigma para uma aceitação mais ampla de suas possíveis aplicações terapêuticas. Isso não só influenciou as políticas de saúde, incentivando uma abordagem mais baseada em evidências, mas também reforçou a importância da comunicação precisa e acessível na disseminação de informações sobre o CBD.

Analisar esses tópicos em conjunto revela a complexidade da interação entre mídia, percepção pública, políticas de saúde e regulamentação do CBD. A linha do tempo da mídia reflete não apenas mudanças na forma como a cannabis é retratada, mas também as mudanças nas políticas públicas e na aceitação pública do CBD medicinal. A comunicação eficaz é crucial para garantir que as informações sobre o CBD sejam precisas, compreensíveis e equilibradas, promovendo assim políticas de saúde pública que beneficiem pacientes e comunidades de forma responsável e informada.

4.2 A MARCHA DA MACONHA

A Marcha da Maconha no Brasil começou a tomar forma no início dos anos 2000, inspirada por movimentos internacionais que buscavam descriminalizar e regulamentar o uso da cannabis. Em seus primeiros anos, o evento enfrentou grande resistência das autoridades e da sociedade, devido ao estigma social e às políticas repressivas que caracterizaram o debate sobre drogas no Brasil. Muitos organizadores e participantes das primeiras marchas foram alvo de repressão policial e jurídica, sob a alegação de que estavam incentivando o uso de substâncias ilícitas. Esse cenário limitou a visibilidade da marcha e dificultou sua realização, apesar de a manifestação ser pautada pela liberdade de expressão e pelo debate de políticas públicas.¹⁵

Com o passar dos anos, a Marcha da Maconha ganhou força e maior aceitação pública, especialmente com o aumento das discussões sobre o uso medicinal e industrial da cannabis, que ajudaram a abrir novos olhares para o tema.

¹⁵ Disponível em:

Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF)¹⁶ decidiu que o movimento não configurava apologia ao crime, mas sim o exercício do direito de manifestação, fortalecendo a legitimidade do evento e sua capacidade de atrair mais participantes. Desde então, a marcha ocorreu anualmente em várias cidades brasileiras, defendendo não apenas a descriminalização, mas também o acesso seguro e regulamentado à cannabis para diferentes finalidades, de maneira que a sociedade possa reavaliar suas políticas e preconceitos relacionados à planta.

Relacionando esse movimento com a teoria da Agenda Setting, que afirma que os meios de comunicação não determinam o que as pessoas devem pensar, mas influenciam sobre o que pensar, a Marcha da Maconha tem desempenhado um papel importante ao inserir a discussão sobre a cannabis na agenda pública. Inicialmente, a mídia tendia a cobrir o evento com uma perspectiva negativa, destacando riscos e polêmicas. Entretanto, conforme o debate sobre os usos terapêuticos e a importância de políticas públicas mais humanas evoluiu, a cobertura mediática começou a incluir pontos de vista mais diversos, trazendo especialistas e defensores para a discussão.

Figura 6: Jornal O Globo em 2 de maio de 2010

O GLOBO • RIO • PÁGINA 32 - Edição: 2/05/2010 - Impresso: 1/05/2010 — 19: 23 h

PRETO/BRANCO

32 • RIO

O GLOBO

2ª edição • Domingo, 2 de maio de 2010

Marcha da Maconha reúne 2 mil em Ipanema

Um jovem foi preso ao ser flagrado pichando um poste; ex-ministro Carlos Minc participou da manifestação

William Hédal Filho

• A Marcha da Maconha levou duas mil pessoas às ruas de Ipanema durante a tarde e o começo da noite de ontem. A manifestação começou por volta das 15h, no Jardim de Alah, reunindo 300 pessoas, mas logo o número de participantes aumentou. Pouco antes das 18h, quando a caminhada em direção ao Arpoador, pela Avenida Vieira Souto, foi iniciada, já havia mais de mil manifestantes. Um dos participantes da passeata foi preso pela polícia ao ser flagrado pichando um poste com palavras de ordem sobre a legalização da droga. Pouco antes, a polícia havia flagrado um outro pichador. No entanto, ele recebeu apenas uma advertência e teve seu material apreendido.

A manifestação contou com a presença do ex-ministro do Meio Ambiente e deputado estadual Carlos Minc, que defendeu a importância de se posicionar sobre o assunto.

— A sociedade em geral costuma ser conservadora. Alguns deputados me massacraram no Congresso depois que participei da última marcha — contou Minc.

— Mas a consciência está mudando. Oito ministros apoiam o movimento de legalização. Só que muita gente tem medo de receber um carimbo, de ficar estigmatizado.

De acordo com o deputado, é fundamental que se discuta a legalização do uso e da comercialização da maconha.

— Não estou aqui estimulando o tráfico, mas sou a favor de uma outra política para tratar desse assunto. Um dos organizadores da passeata, o sociólogo Renato Cinco pediu diversas vezes que nenhum dos participantes fumasse durante o evento.

— Acho importante ninguém fumar. A gente está aqui para pedir uma mudança da lei e não para almentar a sociedade — explicou.

A passeata ganhou ainda mais participantes enquanto passava pelo Posto 5. Os organizadores do evento convocaram as pessoas que estavam na grade e muitas resolveram aderir.

Durante o caminho, foram distribuídas cerca de 600 máscaras estampadas com os rostos de pessoas famosas que apoiam o movimento pela liberação da maconha, como os cantores Marcelo D2 e Tico Santa Cruz. A máscara do jogador do Flamengo Adriano também foi vista entre os participantes, que estavam munidos de faixas, cartazes e alguns cigarros eletrônicos gigantes. Alguns dos manifestantes também ensinaram a filipeta da marcha, como se fosse um cigarro de maconha.

— Estou aqui porque acredito que a legalização é o melhor caminho para lidar com esse tema. Fuma quem quer. O álcool é uma droga ainda mais destrutiva e é vendido em tudo quanto é lugar — argumentou o estudante Pedro Alvarez, de 22 anos.

Boa parte dos manifestantes estava na faixa dos 20 anos. Um dos pontos altos da marcha foi a chegada ao Arpoador, quando centenas de pessoas acenderam velas em homenagem às vítimas da violência urbana. As pessoas que morreram em consequência da produção da maconha.

MANIFESTANTES OCUPAM A Avenida Vieira Souto, em Ipanema, para pedir a legalização da maconha: a marcha terminou no Arpoador



¹⁷Fonte: Acervo o Globo

A participação de figuras políticas em eventos como a Marcha da Maconha pode ser vista como uma oportunidade para refletir sobre a dinâmica da Espiral do Silêncio e a formação da Opinião Pública.

¹⁶ Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=182124&ori=1>

¹⁷ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>

Considerando o texto do jornal apresentado na figura 6

A manifestação contou com a presença do ex-ministro do Meio Ambiente e deputado estadual Carlos Minc, que defendeu a importância de se posicionar sobre o assunto -A sociedade é muito conservadora. Alguns deputados me massacraram no congresso depois que participei da última marcha -contou Minc. -Mas a consciência está mudando. Oito ministros apoiam o movimento de legalização. Só que muita gente tem medo de receber o carimbo, de ficar estigmatizado.

A afirmação de Carlos Minc acerca de ter sido "massacrado" no Congresso após comparecer à Marcha da Maconha, por sua vez, sublinha as bases da teoria da Espiral do Silêncio. Esta teoria estabelece que opiniões em desacordo com o pensamento dominante são objeto de resistência e hostilidade, levando a muitos a desistir de manifestar suas opiniões com medo do isolamento ou da retaliação social. A posição pública de Minc a favor da descriminalização da maconha fez com que ele se colocasse em oposição a uma maioria conservadora expressa no Congresso, a qual lhe reprovou duramente. Este quadro demonstra como o pavor da dissociação inibe vozes incomuns, mantendo viva a precedência do discurso de uma opinião majoritária, mesmo que esta não traduza necessariamente o pensamento de toda a sociedade.

De acordo com a Opinião Pública o ministro Carlos Minc seria um "formador de opinião horizontal"¹⁸, que por ser uma figura de liderança tem a possibilidade de externar seus pensamentos e é procurado para instruir aqueles com menos informações.

4.3 DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES

A Teoria da Espiral do Silêncio, proposta por Elisabeth Noelle-Neumann (2017), é uma teoria da comunicação que explora como as pessoas tendem a se calar sobre suas opiniões quando acreditam que estão em minoria ou que sua opinião não será bem recebida pela sociedade. Quando aplicamos essa teoria ao debate sobre a cannabis medicinal, ela nos ajuda a entender as dinâmicas de aceitação ou resistência pública ao tema, principalmente em contextos em que o uso da cannabis ainda é

¹⁸ Capítulo 3.1

polêmico ou estigmatizado. A pesquisadora procurou entender a relação entre a mídia e a alteração nas opiniões das pessoas. (HOHLFELDT, 2001).

De acordo com o jornal G1 Saúde acerca do uso medicinal da cannabis “há mais informação sobre o uso medicinal em circulação sociedade”, 85% dos 2.016 entrevistados responderam que possuem certo conhecimento sobre o assunto, 32% dizem estar bem-informados, 42% mais ou menos e 11% afirmam estar mal-informados. Os que desconhecem o assunto são 11%, e 2% preferiram não responder.”¹⁹

A mídia influencia a percepção individual sobre o que pode ser dito ou feito sem o risco de isolamento, Neumann (1995). Com isso entendemos que, o saber coletivo possui poder de legitimação, pois quando uma atitude se torna amplamente conhecida e não é fortemente criticada, ela tende a ser vista como apropriada e mais aceitável, demonstrando que tal comportamento não é único. As percepções sobre diferentes assuntos são influenciadas pela maneira como a mídia os apresenta, de modo que os recursos técnicos, imagens, sons e a forma como são transmitidos ao público afetam diretamente a interpretação.

A percepção pública evoluiu significativamente ao longo do século XX, influenciada por vários fatores, incluindo avanços tecnológicos, mudanças políticas e sociais, e o impacto crescente das campanhas de mídia. Vamos explorar essa evolução em dois aspectos principais: a comparação entre as visões públicas no início e no final do século XX e o impacto das campanhas de mídia na formação da opinião pública.

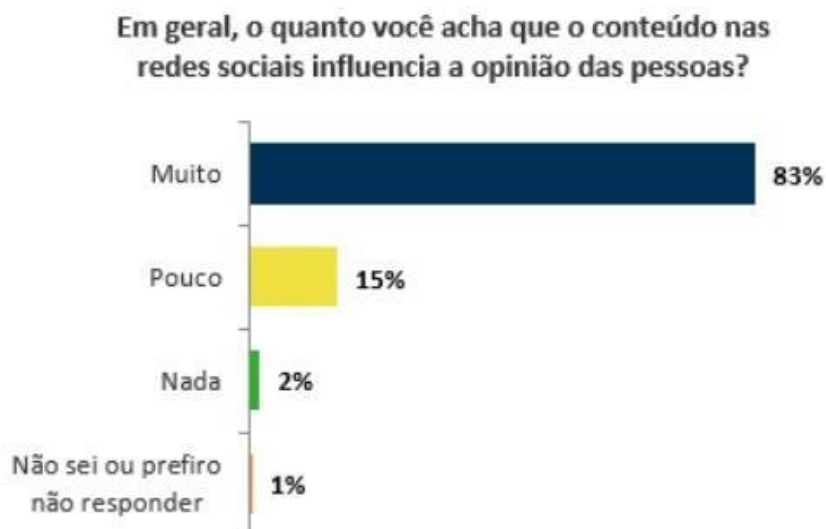
No início do século XX, o Brasil enfrentava altos índices de analfabetismo e uma concentração de informação nas mãos das elites. Os jornais impressos eram fundamentais na formação da opinião pública, com um acesso limitado especialmente fora das áreas urbanas. A TV Globo, estabelecida em 1965, transformou-se rapidamente em uma poderosa influência na mídia nacional, moldando opiniões em grande escala através de sua programação e cobertura jornalística.

Para Bourdieu (1983), “[...] há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem nenhum jornal, que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações” (BORDIEU, 1983)

¹⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/09/23/datafolha-maconha.ghtml>

De acordo com a página oficial do Senado Federal, mais de 80% dos brasileiros acreditam que as redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas:

Figura 7: gráfico quantitativo de pessoas que concordam que as redes sociais influenciam na opinião



²⁰Fonte: Site Senado Federal

Na mesma pesquisa que foi feita com 2.400 cidadãos com acesso a internet, mostra que 50% desse público recorre a televisão como fonte de informação.

Nos últimos anos, a mídia brasileira tem desempenhado um papel crucial na educação do público sobre os benefícios medicinais do CBD. Programas de televisão, reportagens e documentários têm apresentado histórias de pacientes que se beneficiaram do uso de CBD, contribuindo para uma mudança positiva na percepção pública.

Há uma tendência crescente de médicos prescrevendo CBD e pacientes adotando tratamentos à base de Cannabis. Além disso, as universidades e institutos de pesquisa no Brasil têm intensificado os estudos sobre os benefícios e os mecanismos de ação do CBD²¹, contribuindo para um melhor entendimento científico e aceitação pública.

²⁰ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>

²¹ <https://jornal.usp.br/ciencias/usp-tem-a-maior-producao-cientifica-mundial-sobre-canabidiol/>

De acordo com o instituto Datafolha, que é um instituto de pesquisa do Grupo Folha, 76% dos brasileiros são a favor do uso medicinal e 26% são contra, já quando se trata do uso recreativo esse valor se inverte e 72% é contra e 23% a favor.

Programas de televisão como o "Fantástico" da Rede Globo e reportagens em jornais como "Folha de São Paulo" e "O Globo" têm destacado histórias de famílias que tiveram sucesso no tratamento com CBD. Por exemplo, a história da Sofia Brito²², que foi diagnosticada com uma forma grave de epilepsia. Margarete Brito, sua mãe, conseguiu uma liminar para plantar cannabis em casa para o tratamento de Sofia. A melhora na qualidade de vida de Sofia após o uso do CBD foi significativa e a história da família Brito foi amplamente divulgada na mídia brasileira.

Documentários como o de Sofia Brito têm desempenhado um papel importante na conscientização sobre o uso de CBD no tratamento de doenças graves, tocando muitas pessoas com histórias de superação e desafios.

Henry Jenkins, em seu livro "Cultura da Convergência," argumenta que a convergência midiática ocorre quando o conteúdo flui através de múltiplos canais midiáticos, as indústrias cooperam e o comportamento do público migra de plataforma em plataforma (JENKINS, 2009). O impacto do documentário "Outro Mundo de Sofia" pode ser visto como um exemplo dessa convergência. A história de Sofia Brito foi disseminada através de diversas formas de mídia – incluindo documentários, reportagens de televisão, artigos de jornal e redes sociais – criando uma narrativa poderosa e coesa que mobilizou a opinião pública e influenciou políticas públicas.

4.4 INFLUÊNCIA DO JORNAL GLOBO

O jornal *O Globo* é um dos veículos mais proeminentes no cenário da comunicação brasileira, com uma influência profunda na forma como notícias e informações são transmitidas e interpretadas no país. Fundado em 1925 por Irineu Marinho, o jornal faz parte do Grupo Globo, um conglomerado midiático que inclui TV Globo, rádio, revistas e diversas plataformas digitais, garantindo uma presença massiva e abrangente no território nacional. A capacidade de *O Globo* de moldar a

²² <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/07/02/luta-de-familia-pelo-uso-de-cannabidiol-e-tema-do-documentario-o-outro-mundo-de-sofia-do-globoplay.ghtml>

influências que se reforça mutuamente e abrange todas as camadas da sociedade brasileira. Dessa forma, *O Globo* não é apenas um espelho da realidade, mas um ator ativo na construção e manutenção das discussões que definem o Brasil.

Isso significa que, no contexto do canabidiol medicinal, *O Globo* detém o poder de exercer a função de Agenda Setting, determinando quando e como cobrir o assunto em suas páginas impressas e digitais. Por exemplo, quando o periódico promove uma série de artigos revelados por pesquisas científicas sobre uso medicinal e benefícios com condições como, por exemplo, epilepsia grave ou transtornos de ansiedade, ele não apenas compartilha notícias, mas também define a agenda para a discussão. Como sabemos, o agenda-setting funciona positivamente neste caso, pode desencadear o debate político e mudar a atitude da sociedade em relação à importância da regulamentação do CBD, bem como pressionar as autoridades a reconsiderar suas políticas de saúde pública.

Por exemplo, quando *O Globo* traz histórias sobre famílias que lutam na justiça pelo direito de acesso ao canabidiol, isso humaniza o assunto e atrai a atenção e a simpatia de um público maior. Ao trazer essas narrativas e os desafios que os pacientes estão enfrentando para o centro das atenções, o jornal ajuda a elevar a relevância do tópico, provocando conversas que podem resultar em mudanças legislativas concretas ou, melhor, em movimento nas políticas de saúde.

Uma história no *O Globo* pode mostrar os impactos positivos do CBD em pacientes, ao mesmo tempo em que destaca barreiras regulatórias, como a falta de políticas públicas adequadas — é aqui que o governo precisa investir mais.

A divulgação de fatos científicos sobre a cannabis é fundamental para promover um entendimento mais amplo e preciso sobre a substância, especialmente em um contexto em que a desinformação e os estigmas ainda são predominantes. Ao dar espaço para a discussão sobre a cannabis de maneira científica, é possível superar mitos e preconceitos que, muitas vezes, são perpetuados por narrativas históricas e ideológicas. Isso contribui para uma abordagem mais racional e equilibrada, permitindo que as pessoas compreendam melhor tanto os benefícios quanto os riscos envolvidos no uso medicinal ou recreativo da planta, sem distorções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar como a mídia brasileira, com ênfase no jornal O Globo, influenciou e continua influenciando a percepção social da cannabis ao longo das décadas. Esta pesquisa partiu da análise da história de cobertura midiática da planta, desde a retratação amplamente negativa e criminalizante até as mudanças mais recentes, que começam a considerar suas potencialidades medicinais e o debate sobre a legalização. Utilizando as teorias da Agenda Setting, Espiral do Silêncio e os conceitos de opinião pública, a análise crítica demonstrou o papel crucial da comunicação na construção e perpetuação de discursos.

A primeira etapa da pesquisa contextualizou historicamente como a cannabis foi inserida na pauta dos principais veículos de comunicação no Brasil, especialmente no período de intensa repressão e criminalização. A narrativa dominante, como demonstrado, focava na associação direta da planta com a marginalidade e a violência, contribuindo significativamente para a formação de um imaginário social estigmatizado. Nesse sentido, a teoria da Agenda Setting se provou fundamental para compreender como a mídia determina quais temas serão discutidos e quais permanecem à margem, moldando assim as percepções e preocupações da sociedade.

Na segunda etapa, o trabalho explorou a teoria da Espiral do Silêncio, evidenciando como opiniões divergentes, que poderiam apresentar perspectivas mais positivas sobre a cannabis, foram historicamente silenciadas ou marginalizadas. O Globo, como um dos veículos mais influentes no cenário midiático brasileiro, desempenhou um papel crucial na manutenção dessa narrativa hegemônica. Mesmo com o surgimento de novas informações científicas e o aumento do debate público em torno dos benefícios da cannabis, ainda se observou uma resistência em conceder espaço para vozes que desafiam o status quo.

Ao longo das últimas décadas, verificou-se um lento e gradual processo de transformação na cobertura da cannabis, impulsionado por avanços científicos e uma maior aceitação global. Essa mudança, porém, não ocorreu sem tensões e ainda é marcada por limitações significativas. Mesmo em uma era de crescente pluralidade informativa, as estruturas de poder midiático continuam a influenciar quais narrativas se tornam predominantes. Essa realidade reforça a importância de estudos como o

presente, que revelam as nuances e os interesses subjacentes à construção do discurso midiático.

A análise das teorias da Agenda Setting e da Espiral do Silêncio revelou-se ainda mais relevante em um contexto em que as redes sociais desafiam as estruturas tradicionais de comunicação, promovendo uma maior diversidade de vozes e informações. Contudo, essas plataformas também apresentam novos desafios, como a propagação de desinformação e a criação de bolhas informativas, aspectos que merecem investigação contínua.

Este trabalho oferece uma contribuição importante para a compreensão da dinâmica entre mídia, sociedade e opinião pública no contexto da cannabis. Ele reforça a necessidade de uma comunicação mais ética e responsável, que não apenas informe, mas também fomente um debate público mais inclusivo e diversificado. Para futuros estudos, sugere-se investigar o impacto das novas mídias digitais na quebra do ciclo de silêncio em torno da cannabis, explorando como essas plataformas podem transformar as percepções sociais e dar voz a grupos que antes eram silenciados. Além disso, é relevante analisar como as políticas de comunicação podem evoluir para acompanhar as mudanças na sociedade e promover um ambiente mais democrático e equilibrado.

Pode-se afirmar que os objetivos propostos foram devidamente alcançados. A pesquisa demonstrou como as estratégias de comunicação midiática, particularmente aquelas analisadas através das teorias da Agenda Setting e da Espiral do Silêncio, desempenham um papel crucial na formação da percepção pública sobre a cannabis no Brasil. A análise da cobertura histórica e contemporânea revelou que os meios de comunicação, como o jornal *O Globo*, influenciam de maneira significativa a construção de discursos públicos e a manutenção de estigmas, cumprindo sua função de definir as pautas prioritárias e silenciar vozes dissidentes.

A aplicação da Teoria da Agenda Setting permitiu compreender como certos temas são enfatizados para moldar a opinião pública, enquanto a Teoria da Espiral do Silêncio evidenciou os mecanismos pelos quais a sociedade tende a marginalizar opiniões contrárias, perpetuando uma visão estigmatizada da cannabis. Além disso, a investigação revelou os desafios enfrentados na comunicação sobre o uso medicinal da cannabis, como desinformação, resistência política e a persistência de estereótipos. Dessa forma, o estudo contribuiu para um entendimento mais amplo da relação entre mídia, opinião pública e políticas de saúde, cumprindo os objetivos

estabelecidos e oferecendo insights relevantes para futuros debates e pesquisas sobre o tema.

A relação entre a mídia e a opinião pública é de um movimento de influência mútua, onde a opinião pública não apenas influencia a formação de opiniões, mas também é influenciada por elas. Quando a opinião pública exhibe expressões em redes sociais, manifestações ou pesquisas de opinião, ela pressiona os veículos de comunicação e os reforça em pauta e narrativa para agradar a opinião do público. O processo é dinâmico e reflete a interdependência entre a mídia e a opinião pública. Enquanto a mídia tem o poder de moldar a percepção, a sociedade molda a mídia através de suas reações e preferências.

Com base na análise desenvolvida, conclui-se que os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na formação da opinião pública e na influência sobre as políticas relacionadas à cannabis no Brasil. A pergunta central — *De que forma os meios de comunicação influenciam a construção da opinião pública e das políticas sobre a cannabis, especialmente no contexto do uso medicinal do canabidiol, ao longo das décadas no Brasil?* — foi respondida ao evidenciar como as narrativas midiáticas, guiadas pelas teorias da *Agenda Setting* e da *Espiral do Silêncio*, ora reforçaram estigmas, ora promoveram avanços no debate público. Confirma-se, assim, a hipótese de que estratégias comunicacionais baseadas em evidências científicas e transparentes podem contribuir para uma maior aceitação pública e para a criação de políticas públicas mais favoráveis. A comunicação, quando estrategicamente planejada, desempenha um papel ativo na transformação das percepções sociais e no direcionamento de mudanças regulatórias em torno do uso medicinal do canabidiol.

REFERÊNCIAS

“Maconha Medicinal É Usada no Tratamento de Epilepsia e Dor Crônica; Estudos Sobre Efeitos Ainda Avançam” Leia Mais Em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/12/05/maconha-medicinal-e-usada-no-tratamento-de-epilepsia-e-dor-cronica-estudos-sobre-efeitos-ainda-avancam.ghtml> (2019)

“O Preconceito Contra A Cannabis Vem da Falta de Conhecimento” Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/o-preconceito-contra-a-cannabis-vem-da-falta-de-conhecimento> (2022). Acesso em: 16 ago. 2024

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 17, de 6 de maio de 2015. Dispõe sobre a atualização da lista de substâncias proibidas no Brasil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 84, p. 63, 7 maio 2015. Disponível em: <https://antigo.anvisa.gov.br/legislacao#/visualizar/29340>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 66, de 18 de dezembro de 2014. Aprova o registro do medicamento Mevatyl (Sativex) para uso medicinal no Brasil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 246, p. 27, 19 dez. 2014. Disponível em <https://antigo.anvisa.gov.br/legislacao#/visualizar/29273> . Acesso em: 14 jun. 2024.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 335, de 24 de janeiro de 2020. Dispõe sobre os procedimentos para a importação de produtos derivados de Cannabis por pessoa física, para uso próprio, mediante prescrição de profissional legalmente habilitado, para tratamento de saúde. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 18, p. 45, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://antigo.anvisa.gov.br/legislacao#/visualizar/413870>. Acesso em: 14 jun. 2024

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 327, de 9 de dezembro de 2019. Estabelece os procedimentos para a concessão da Autorização Sanitária para a fabricação e importação, bem como estabelece requisitos para a comercialização, prescrição, dispensação, monitoramento e fiscalização de produtos de Cannabis para fins medicinais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 239, p. 131, 11 dez. 2019. Disponível em <https://antigo.anvisa.gov.br/legislacao#/visualizar/411511>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 660, de 30 de março de 2022. Dispõe sobre os procedimentos para a concessão de Autorização Sanitária para produtos de Cannabis. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 63, p. 345, 1 abr. 2022. Disponível em: <https://antigo.anvisa.gov.br/legislacao#/visualizar/479683> . Acesso em: 14 jun. 2024.

CANNABIS MEDICINAL: REALIDADE À ESPERA DE REGULAMENTAÇÃO
FONTE: AGÊNCIA SENADO. [S. I.], 06 ago. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/cannabis-medicinal-realidade-a-espera-de-regulamentacao>. Acesso em: 12 set. 2024.

CAPELLA, Ana Cláudia Niedhardt. *Formulação de Políticas Públicas*. Brasília: Enap, 2018.

CNN Brasil. Relembre marcos dos 10 anos de cannabis medicinal no Brasil.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/relembre-marcos-dos-10-anos-de-cannabis-medicinal-no-brasil/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

COHEN, Bernard. *The Press and Foreign Policy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1963.

COX, Robert. Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método. Em: GILL, Stephen (org.); AZEVEDO, Dinah de Abreu (trad.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007 (Pensamento Crítico, v. 7).

Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2024/05/04/quando-a-cannabis-entrou-nas-nossas-vidas-minha-filha-comecou-a-sorrir-as-historias-de-melhoras-com-o-uso-medicinal-da-planta.ghtml>

Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/autorizacao-da-anvisa-para-importacao-de-canabidiol-no-brasil/2269698952>

G1. Datafolha: 53% dos brasileiros são a favor da legalização da maconha.

Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/09/23/datafolha-maconha.ghtml>. Acesso em: 16 jun. 2024.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 4.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

HOHLFELDT, A. MARTINO L. e FRANÇA V. (orgs) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LIN, W. K.; PFAU, M. "Can inoculation work against the spiral of silence? A case study of public opinion on the future of Taiwan". *International Journal of Public Opinion Research*, vol. 19, nº 2, p. 155-172, 2001.

LIPPMANN, W. *Opinião Pública*. 2. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

McCOMBS, M. *A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

McCOMBS, M., VALENZUELA, S. *The continuing expansion of agenda-setting theory: Towards a new frontier of research questions*. *Handbook of Political Communication Theories*. New York: Oxford University Press, 2007,

NERY, V. C. A; TEMER, A. C. R. P. Para entender as Teorias da Comunicação. 2.ed. Uberlândia: Aspectus, 2009

NOELLE-NEUMAN, Elisabeth. A espiral do silêncio: opinião pública: nosso tecido social. Tradução, apresentação e notas de Cristian Derosa. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017, pp. 22-23.

NOELLE-NEUMANN, E. "The spiral of silence: a theory of public opinion". Journal of Communication, vol. 24, nº 2, p. 43-51, 1974.

OLICSHEVIS, Giovana. MÍDIA E OPINIÃO PÚBLICA. **Revista Vernáculo**. Paraná, p. 17-18. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/issue/view/1130>. Acesso em: 17 set. 2024.

OLSEN, Örjan. (2000). Liderança de opinião vertical, horizontal, ou, quem sabe, ambas? Revista SBPM (Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado, ano I, n. 4. 1997

ORNELAS, PABLO. Drogas e a governabilidade neoliberal – uma genealogia da redução de danos, 2014.

ORTIZ, Junia. Opinião e cenários comunicativos: influência de fatores contextuais nos processos sociopsicológicos da espiral do silêncio. **Opinião Pública**, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 258-286, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-01912019252258>.

O PAPEL DA MÍDIA NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA: A CONTRIBUIÇÃO DE BOURDIEU. Guairacá - Revista de Filosofia: Guairacá - Revista de Filosofia, v. 1, n. 1, 2008.

PACIENTES COM FIBROMIALGIA E PARKINSON RELATAM MELHORA COM TRATAMENTO À BASE DE CANABIDIOL EM VOLTA REDONDA. Volta Redonda, Rj, 07 maio 2024. Disponível em: <https://www.voltaredonda.rj.gov.br/noticias/29-sms/8399-pacientes-com-fibromialgia-e-parkinson-relatam-melhora-com-tratamento-%C3%A0-base-de-canabidiol-em-volta-redonda/>. Acesso em: 16 set. 2024.

RAMOS, Leonardo César Souza. A sociedade civil em tempos de globalização: uma perspectiva neogramsciana. Rio de Janeiro: 2005. 219 p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são: volume I. 2. Ed. Florianópolis: Insular, 2005..

USO DE CANNABIS MEDICINAL DIMINUI EM 86% AS CRISES DE EPILEPSIA EM CRIANÇAS, APONTA ESTUDO. [S. I.], 14 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2021/12/14/uso-de-cannabis-medicinal-diminui-em-86percent-as-crises-de-epilepsia-em-criancas-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 14 set. 2024.